

Variação na concordância verbal no português brasileiro: olhares variacionistas

RESUMO

Maria Lidiane de Sousa Pereira
lidiane_lidiarock@hotmail.com
Universidade Estadual do Ceará (UECE),
Ceará, Brasil.

Aluiza Alves de Araújo
aluizazinha@hotmail.com
Universidade Estadual do Ceará (UECE),
Ceará, Brasil.

O objetivo deste trabalho é mapear os fatores linguísticos e sociais que têm condicionado a manutenção e/ou o cancelamento das marcas de concordância padrão entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural (3PP) no português brasileiro (PB), em diferentes regiões do Brasil. Para tanto, analisamos estudos sobre o fenômeno em tela desenvolvidos à luz da sociolinguística (LABOV, 2006, 2008 [1972, 2010] e realizados em quatro das cinco regiões do país: Oliveira (2005), Sgarbi (2006), Almeida (2006) e Monte (2007), para as regiões nordeste, centro-oeste, sul e sudeste, respectivamente. Com base na observação dos principais resultados obtidos para o fenômeno em tela nos estudos citados, verificamos que, em todas as comunidades estudadas, a variação entre verbo-sujeito na 3PP é condicionada tanto por fatores internos e/ou externos ao sistema linguístico. Dentre os primeiros, os que mais se destacaram foram a saliência fônica, a realização e posição do sujeito, tipo estrutural do sujeito e paralelismo formal no nível oracional. Já entre os segundos, temos a faixa etária, o sexo/gênero, a escolaridade e a procedência.

PALAVRA-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Concordância Verbal. Variáveis Sociais. Variáveis Linguísticas.

INTRODUÇÃO

No âmbito das gramáticas tradicionais (doravante GTs), a concordância entre verbo-sujeito com a 3ª pessoa do plural (doravante 3PP) é tida como uma regra quase variável. Isso implica dizer que, em determinados casos, o emprego de marcas plurais entre verbo-sujeito na 3PP é exigido. Em outros, o uso dessas marcas é um ponto facultativo. Assim, recomenda-se, por exemplo, que em construções com sujeito simples e plural haja, obrigatoriamente, o emprego de marcas plurais também no verbo (BECHARA, 2001; CUNHA; CINTRA, 2013), como (1): **Nossos filhos são** o futuro de amanhã. No entanto, nem sempre tais recomendações são atendidas. Assim, podemos encontrar, no comportamento linguístico dos brasileiros, construções como (2): **Mocinhas de dez anos** que pra mim é crianças¹.

Além de tais prescrições, localizamos nas GTs um grande número de exceções para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP, o que pode acabar “dificultando seu ensino e aprendizagem, levando o usuário da língua a um estado de insegurança ao fazer uso desse processo sintático” (ANJOS, 1999, p.45). Desse modo, são tomadas como ponto facultativo, construções com sujeito composto, estruturas em que o SN (sujeito) é marcado por um elemento de estrutura complexa como expressões partitivas ou núcleo coletivo singular, dentre muitos outros (BECHARA, 2001; CUNHA; CINTRA, 2013). Nesses casos, os falantes podem, sem ser acusados de cometer erros gramaticais, empregar ou não marcas de concordância padronizadas.

Em contrapartida, os estudos sobre a concordância entre verbo-sujeito na 3PP desenvolvidos à luz da sociolinguística variacionista (NARO; SCHERRE, 1991; SCHERRE, NARO, 1991; ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001, 2009; OLIVEIRA, 2005; SGARBI, 2006; MONTE, 2007; GONÇALVES, 2007; MASCARELLO, 2010; TEIXEIRA; LUCCHESI; MENDES, 2013) apontam que o fenômeno em tela figura, no português brasileiro (doravante PB), como uma regra essencialmente variável. Pois, mesmo em casos para os quais as GTs exigem o emprego de marcas padrões de concordância, nem sempre, no uso real da língua, tais exigências são atendidas pelos falantes, conforme indicamos na ilustração 2. A partir dessas assertivas, os estudos variacionistas acerca do fenômeno em tela buscam apontar, com base em dados retirados do comportamento linguístico dos brasileiros em situações concretas de interação verbal, quais fatores linguísticos e/ou sociais têm, de fato, influenciado o uso da variante padrão² e não-padrão para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP.

Tendo em vista que variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP é um fenômeno marcado socialmente e que sobre a variante não-padrão recaem julgamentos depreciativos, acreditamos ser de suma importância conhecer quais fatores linguísticos e sociais interferem na realização variável do fenômeno em foco, para que possamos melhor compreendê-lo. Com isso, contribuímos, ainda que discretamente, para indicar que o fenômeno em estudo, não figura como um tipo de incapacidade por parte do falante para usar os mecanismos de sua língua, mas sim, como um fenômeno variável devidamente regulado por diversos fatores

que, por sua vez, não são contemplados pela tradição normativa (CARDOSO; COBUCCI, 2014).

A partir desse cenário, este artigo busca apresentar alguns dos principais resultados para a atuação de fatores linguísticos e sociais sobre a variação entre verbo-sujeito na 3PP em diferentes regiões do Brasil. Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico acerca de estudos variacionistas, realizados na última década e, em quatro das cinco regiões brasileiras, foram eles: Oliveira (2005), para a região nordeste; Sgarbi (2006), na região centro-oeste; Almeida (2006), na região sul e Monte (2007), na região sudeste.

Como é possível perceber, selecionamos um estudo para quatro das cinco regiões do país. Naturalmente, pretendíamos considerar também uma pesquisa para a região norte. Contudo, até o término deste artigo, não tomamos conhecimento de nenhum estudo realizado na região norte. Além da divisão por regiões e a preferência por trabalhos realizados na última década, a seleção dos estudos obedeceu aos seguintes critérios: (i) a pesquisa deveria ter como aporte teórico-metodológico as propostas da sociolinguística variacionista (LABOV, 2006, 2008 [1972], 2010) e (ii) o estudo deveria ter sido realizado com base na linguagem oral de informantes devidamente situados em suas respectivas comunidades de fala.

Em virtude das notáveis diferenças quanto à configuração das amostras usadas nos estudos observados aqui, evitamos estabelecer comparações entre os resultados alcançados em cada pesquisa. Assim, nos limitamos a mapear e apontar quais fatores linguísticos e sociais interferem no uso das variantes padrão e não-padrão para a variação entre verbo-sujeito na 3PP, no cenário dos estudos abordados. Acreditamos que, apesar das citadas limitações, foi possível construir um interessante panorama acerca do comportamento de fatores linguísticos e sociais sobre o fenômeno em foco.

Além desta introdução e de nossas considerações, este trabalho contém duas seções. Na primeira, apresentamos os principais resultados obtidos nos estudos selecionados. Assinalamos que, em virtude do grande número de fatores, principalmente linguísticos, apontados como relevantes em cada pesquisa, optamos por comentar apenas os dois primeiros tanto linguísticos como sociais. Na segunda seção, discutimos, de forma mais detida, os resultados obtidos nos trabalhos analisados, enfatizando o comportamento dos fatores linguísticos e sociais.

A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA ENTRE VERBO-SUJEITO NA 3PP: ABORDAGENS VARIACIONISTAS

Oliveira (2005) – Região Nordeste

Oliveira (2005) observou a variação na concordância entre verbo-sujeito com a 3PP a partir de amostra de fala colhida em Vitória da Conquista – BA. O *corpus* de seu estudo, resultante de atividades de pesquisas sociolinguísticas realizadas pela Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), foi composto por 48 inquiridos provenientes da fala de informantes nascidos e residentes na região. Esses falantes

foram estratificados segundo o sexo³: 16 homens e 16 mulheres; três faixas etárias: I (15 a 25 anos), II (26 a 49 anos) e III (acima de 50 anos) e três níveis de escolarização: I (fundamental), II (médio) e III (superior). Esses grupos foram elencados como os fatores sociais testados na pesquisa.

Dentre os 48 inquéritos que compõem o *corpus* da pesquisa, foram selecionados 32 nos quais foram coletados 3.200 ocorrências do fenômeno em estudo. Dentre elas, 49% compreendia o uso da variante não-padrão e 51% o uso da variante padrão para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP. Além disso, foi indicado que o fenômeno em estudo estava sendo devidamente regulado por fatores de natureza linguística e social, revelados através das análises estatísticas dos dados fornecidas pelo VARBRUL⁴. Dentre os fatores linguísticos, os dois apontados como estatisticamente relevantes, nesta mesma ordem, foram: **saliência fônica e realização, posição e distância do sujeito na oração**. No âmbito dos fatores sociais, foram selecionados, também, nesta ordem, a **escolaridade** e a **faixa etária**⁵.

Para a observação cuidadosa do primeiro grupo de fatores selecionado, **saliência fônica**, a autora estabeleceu dois níveis: I⁶ (**oposição não-acentuada/formas menos salientes**: (Ia): envolve oposição entre vogal oral e vogal nasal e ditongação quando o verbo tem, na terminação, vogais médias e anteriores: *corre/correm*⁷; (Ib): envolve oposição entre a vogal oral e a vogal nasal e ditongação em terminações com vogal central: *ganha/ganham*; (Ic): envolve acréscimos de segmento na forma plural: *diz/dizem*) e nível II (**oposição acentuada/formas mais salientes**: (IIa) envolve ditongação e/ou mudança na qualidade vocálica: *está/estão*; (IIb): envolve acréscimo de segmentos com supressão da semivogal do singular: *bateu/bateram*; (IIc): envolve acréscimo e mudança de raiz, que pode ser completa ou não: *é/são*).

Para o primeiro nível, formas mais salientes, os dados de Oliveira (2006) indicam que, na comunidade estudada, os fatores que o compõem favorecem o uso da variante não-padrão. Para eles foram registrados, em relação ao uso da referida variante, as seguintes percentagens e pesos relativos⁸: (Ia: 68% e 0.73; Ib: 52% e 0.54; Ic: 57% e 0.60). Em sentido contrário, os fatores do nível II, formas menos salientes, não se mostraram aliados ao uso da variante não-padrão. Para eles, foram obtidos (IIa: 32% e 0.35; IIb: 27% e 0.24; IIc: 27% e 0.20).

A segunda variável selecionada no estudo de Oliveira (2006), **realização, posição e distância entre verbo-sujeito da oração**, é composta pelos seguintes fatores: (a: sujeito anteposto separado do verbo por 1 ou 3 sílabas: **Os pais** não **MOSTra**Ø a realidade; b: sujeito anteposto, imediatamente próximo ao verbo: Não sei se **eles bateu**Ø; c: sujeito anteposto, em oração anterior: às vezes **as mães** quer dizer **quer**Ø fazer alguma coisa; d: sujeito referencial não-realizado: não vão logo diretamente e assalta**M** e rouba**M**; e: sujeito anteposto, presente na pergunta do entrevistador com estímulo para a concordância: Ent⁹.: **elas fizeram** o que? Inf.: **fizeram** magistério; f: sujeito anteposto, separado do verbo por 4 ou mais sílabas:

Mocinhas de dez anos que pra mim éØ crianças; **g**: sujeito anteposto, presente na pergunta do entrevistador sem estímulo para a concordância: Ent.: você acha que **eles vai** fazer isso? Inf.: **vaiØ** e **h**: sujeito posposto ao verbo: eu acho que **incentivavaØ** esses brinquedos).

Os resultados obtidos para a variável **realização, posição e distância entre verbo-sujeito da oração** indicam que os fatores em **c** (59% e 0.63), **d** (53% e 0.57), **e** (67% e 0.71), **f** (58% e 0.63), **g** (77% e 0.79) e **h** (58% e 0.70) favorecem o uso da variante não-padrão. Em contrapartida, os fatores em **a** (51% e 49) e **b** (40% e 0.39) não se mostraram aliados ao uso da regra em estudo.

A primeira variável social selecionada foi, conforme já indicamos, a **escolaridade**. Com ela, o uso da variante não-padrão foi favorecido por falantes com **ensino fundamental** (61% e 0.67). Por outro lado, no comportamento linguístico dos informantes com **ensino fundamental** (46% e 0.49) e **superior** (34% e 0.28) o uso da variante não-padrão não foi favorecido. A variável **faixa etária**, por sua vez, indicou que, os falantes com mais de 50 anos (55% e 0.60) são aliados ao uso da regra em estudo. Em contrapartida, os falantes com 15-25 anos (46% e 0.38) e 26-49 anos (44% e 0.48) refrearam o uso da variante não-padrão para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP nos dados de fala colhidos em Vitória da Conquista – BA.

Sgarbi (2006) - Região Centro-Oeste

O estudo de Sgarbi (2006) foi realizado com amostra de linguagem falada em 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul, registrada em um *corpus* constituído por 30 dos 77 inquéritos que fazem parte do **Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS**. Os falantes selecionados foram devidamente estratificados, conforme o sexo: 15 homens e 15 mulheres; a faixa etária: I (12-20 anos), II (21-30 anos) e III (31-49 anos) e IV (acima de 50 anos); a escolaridade I (nula), II (Ensino Fundamental Incompleto) e III (Ensino Fundamental Completo) e a procedência (rural e urbana).

Tal estratificação constituiu o quadro dos fatores sociais testados pela autora, sendo a **procedência** e o **sexo** apontados, nesta mesma ordem, como estatisticamente relevantes. De igual modo, foram selecionadas, também nessa ordem, as variáveis linguísticas: **sujeito pronominal** e a **distância entre verbo-sujeito em número de sílabas**. Frisamos que, para essa pesquisa, foram localizadas 832 ocorrências do fenômeno de variação entre verbo-sujeito na 3PP, com 47% correspondendo ao uso da variante padrão e 53% à variante não-padrão.

A variável **procedência** apontou que os falantes oriundos de zonas urbanas (77% e 0.79) favorecem o uso da variante padrão, enquanto que falantes de zonas rurais (27% e 0.29) não se mostraram aliados ao uso da referida variante. Os resultados obtidos para a variável **sexo** indicam que as mulheres (74% e 0.77) favorecem o uso da variante padrão, ao contrário dos homens (28% e 0.30) que não se mostraram propensos ao uso da variante não-padrão.

Dentre as variáveis linguísticas, o **sujeito pronominal** (**a**: não-pronominal - *os filho do dito leru tudim*; **b**: pronominal explícito - *eles me levam sempre para lá*; **c**: pronominal não-explícito - *tinham medo de ir por lá...*), conforme já indicamos, foi

apontado, em termos estatísticos, como a mais significativa. Sobre esse grupo, os dados indicaram que a concordância padrão é favorecida em construções com **sujeito pronominal não-explicito** (91% e 0.92). Por outro lado, os dados obtidos por Sgarbi (2006) indicam que os fatores sujeito não-pronominal (40% e 0.43) e pronominal explícito (49% e 0.47) não são aliados ao uso da variante padrão para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP.

A segunda variável linguística selecionada no estudo de Sgarbi (2006) foi a **distância entre sujeito e verbo** (**a**: presença de 1 ou 2 sílabas: *eles já moraram numa fazenda*; **b**: ausência de material fônico: *os motoristas dizem que na chuva...* e **c**: presença de 3 ou mais sílabas: *as meninas lá da vila come bastante*). Com essa variável, foi indicado que a ausência de material fônico entre sujeito e verbo favorece o emprego da variante padrão (50% e 0.60). Já os fatores presença 1 ou 2 sílabas (40% e 0.48) e presença de 3 ou mais sílabas (47% e 0.24) não impulsionaram o uso da variante padrão.

Almeida (2006) - Região Sul

Almeida (2006) estudou o comportamento variável da concordância verbal com a 1ª, 2ª e 3ª do plural na comunidade remanescente de escravos de São Miguel dos Pretos localizada em Restinga – RS. Frisamos que, em conformidade com nossos interesses, consideramos apenas os resultados obtidos para a última pessoa. Sua amostra foi constituída por 24 informantes: 12 homens e 12 mulheres, estratificados em três diferentes faixas etárias: I (15-24 anos), II (40- 64 anos) e III (65-90 anos)¹⁰. Ao todo, foram coletadas 1.044 ocorrências de variação entre verbo-sujeito na 3PP. Desse total, 81% correspondia à variante padrão e 19% à variante não-padrão. As variáveis linguísticas apontadas como estatisticamente relevantes, segundo essa mesma ordem, foram: **saliência fônica** e a **posição do sujeito**. Dentre as variáveis sociais, apenas a **faixa etária** foi apontada como relevante.

No estudo de Almeida (2006), assim como em Oliveira (2006), a variável **saliência fônica** foi composta por dois níveis diferentes: **nível 1 - formas menos salientes** (**1a**: não há mudança na qualidade da vogal no plural: *fale/falem*; **1b**: mudança na qualidade da vogal plural: *era/eram*; **1c**: acréscimo de segmentos na forma plural: *diz/dizem*) e **nível 2 – formas mais salientes** (**2a**: mudança da qualidade da vogal na forma plural: *vai/vão*; **2b**: acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural: *foi/foram*; **2c**: acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: *é/são*).

Os resultados de Almeida (2006) indicam que formas verbais menos salientes não favoreceram o uso da variante padrão. Assim, as formas do nível 1 da saliência fônica atingiram as seguintes percentagens e pesos relativos (**1a**: 34% e 0.08; **1b**: 81% e 0.38; **1c**: 41% e 0.15). Em sentido oposto, os resultados indicam que, na amostra de Almeida (2006), as formas mais salientes, nível 2, favorecem o uso da variante padrão (**2a**: 87% e 0.57; **2b**: 89% e 0.64; **2c**: 98% e 0.90). Por outro lado, formas menos salientes atuaram no sentido de inibir o uso da variante padrão.

A variável **posição do sujeito** (**a**: anteposto: *eles sabem sim*; **b**: anteposto com material: *Eles não podem saber*; **c**: posposto: *chega eles e...*), por sua vez, indicou que sujeito anteposto favorece o uso da variante padrão para a concordância entre verbo-sujeito com a 3PP (83% e 0.56). De igual modo, o fator sujeito anteposto com material (57% e 0.56) se mostrou aliado ao uso da variante padrão, enquanto que o fator sujeito posposto ao verbo (51% e PR 0,13) não favoreceu o uso da variante em análise.

A variável **faixa etária** apontou que os informantes da faixa com 15-24 anos (83% e 0.64) são aliados ao uso da variante padrão na comunidade de São Miguel dos Pretos, assim como os informantes com 40-64 anos (82% e 0.56). Em sentido contrário, os falantes com mais de 64 anos (79% e 0.38) não favoreceram o uso da variante padrão para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP.

Monte (2007) - Região Sudeste

Monte (2007) estudou a concordância entre verbo-sujeito na 3PP na comunidade periférica de São Carlos-SP, a partir de dados coletados em 20 entrevistas sociolinguísticas, elaboradas pelo estudioso com homens e mulheres da comunidade que possuíam escolaridade nula ou cursavam o ensino fundamental pelo EJA e oriundos das regiões norte, sul e sudeste da comunidade. Ao todo, foram coletadas 1.000 ocorrências do fenômeno em estudo. Desse total, 75% correspondia ao uso da variante não-padrão e 25% à variante padrão. Para esse estudo, a variável **saliência fônica** e o **paralelismo formal no nível oracional** foram, nessa mesma ordem, apontadas como estatisticamente relevantes. Dentre as variáveis sociais, o **gênero** e a **escolaridade** foram, também nessa ordem, selecionadas pelo VARBRUL.

Para a saliência fônica, os resultados obtidos em Monte (2007) apontam que formas **menos salientes**, consideradas na amostra: (*fala/falam* (2% e 0.13), *quer/querem* (14% e 0.49) inibem o uso da variante padrão para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP. Por outro lado, **formas mais salientes** (*vai/vão* (53% e 0.90); *falou/falaram* (57% e 0.93); *teve/tiveram* (73% e 0.97); *é/são* (75% e 0.98) favorecem o uso da variante padrão.

Com a variável **paralelismo formal no nível oracional**, foram testados os seguintes fatores (**a**: forma de plural explícita no último ou único elemento: *meus pais obrigô eu trabaia* e **b**: forma de plural zero no último elemento: *e os médico num achava o problema*). Com eles, foi indicado que o fator em **a** (28% e 0.62) favorece o uso da variante padrão, ao contrário do fator em **b** (11% e 0.19), que atuou de modo desfavorável ao uso da variante padrão.

No âmbito das variáveis sociais, os fatores da variável **gênero** mostraram que os homens (25% e 0.45) não são aliados ao uso da variante padrão, ao contrário das mulheres (26% e 0.55). O fator **escolaridade**, por sua vez, apontou que os falantes não escolarizados (19% e PR de 0.40) não favorecem o uso da variante padrão, por outro lado, os falantes escolarizados pelo EJA (31% e peso de 0.60) se destacaram como favorecedores do uso da variante padrão para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP na comunidade periférica de São Carlos-SP.

FATORES LINGUÍSTICOS E SOCIAIS RELEVANTES PARA A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA ENTRE VERBO-SUJEITO NA 3PP

Nesta seção, discutimos, de modo mais apurado, quais fatores linguísticos e sociais se mostraram pertinentes para a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP nos estudos comentados na seção anterior. Para tanto, observemos, inicialmente, no quadro 1. Nela, estão dispostos os fatores linguísticos e sociais que mais se destacaram nos estudos de Oliveira (2006), Sgarbi (2006), Almeida (2006) e Monte (2007). Tal divisão se deu de acordo com o estudo e com a natureza (linguística ou social) do fator selecionado.

Quadro 1 - Distribuição dos fatores linguísticos e sociais selecionados por estudo

Estudo	Fatores linguísticos	Fatores sociais
Oliveira (2005) – Nordeste	Saliência fônica Posição e distância do sujeito na oração	Escolaridade Faixa etária
Sgarbi (2006) – Centro-oeste	Sujeito pronominal Distância entre sujeito-verbo em números de sílabas	Procedência Sexo
Almeida (2006) – Sul	Saliência fônica Posição do sujeito	Faixa etária
Monte (2007) – Sudeste	Saliência fônica Paralelismo formal no nível oracional	Gênero Escolaridade

Fonte: elaborado pelas autoras

Com base no quadro 1, vemos que os fatores linguísticos que se destacaram foram: a **saliência fônica**, apontada como estatisticamente relevante nos trabalhos de Oliveira (2005), Almeida (2006) e Monte (2007); **posição e distância do sujeito na oração**, para Oliveira (2005); **Sujeito pronominal** e **distância entre sujeito-verbo em números de sílabas**, em Sgarbi (2006); **posição do sujeito**, para Almeida (2006) e **paralelismo formal no nível oracional**, em Monte (2007).

No âmbito dos fatores sociais, foram apontados como relevantes para o fenômeno de variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP, os fatores: a) **escolaridade**, que se destacou nos trabalhos de Oliveira (2005) e Monte (2007); b) **faixa etária**, nos trabalhos de Oliveira (2005) e Almeida (2006); c) **sexo/gênero**, para Sgarbi (2006) e Monte (2007); d) **procedência**, apontado como relevante apenas no estudo de Sgarbi (2006). Posto isso, abordamos, inicialmente, algumas questões acerca da atuação das variáveis linguísticas e, em seguida, sobre os fatores sociais.

Fatores linguísticos

Com a variável **saliência fônica**, procura-se observar de que maneiras os graus de diferenciação entre as formas verbais no plural e singular interferem na variação entre verbo-sujeito na 3PP. E, desde que começou a ser observada nos estudos variacionistas (LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; SCHERRE; NARO, 1998) tem se mostrado bastante produtiva. Ao testarem o princípio da saliência fônica, os estudiosos geralmente assumem que “as formas mais salientes e, por isto, mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (SCHERRE, 1989, p.301).

Essa premissa foi adotada em todos os estudos que discutimos e, para os quais, a variável saliência fônica se mostrou pertinente. Além de testada, tal hipótese foi também confirmada. De modo geral, os resultados obtidos em Oliveira (2006), Almeida (2005) e Monte (2007) apontam que as formas mais salientes tendem a favorecer o uso da variante padrão, enquanto que as formas menos salientes tendem a não favorecer o uso da variante padrão, mas sim da variante não-padrão, como foi mostrado no estudo de Oliveira (2006).

Com a variável **sujeito pronominal**, Sgarbi (2006) observou a atuação, dos fatores: a - sujeito pronominal, b- sujeito pronominal não-explicito e c – sujeito não-pronominal sobre o comportamento variável da concordância entre verbo-sujeito na 3PP. Sua hipótese foi a de que o sujeito pronominal não-explicito favorece o uso da concordância padrão, enquanto que os fatores sujeito pronominal e não-pronominal tendem a favorecer o uso da concordância não-padrão. Conforme apontamos na seção anterior, os resultados obtidos em Sgarbi (2006) confirmaram suas hipóteses iniciais. Pois, o fator sujeito pronominal não-explicito é um grande aliado ao uso da variante padrão.

Com a segunda variável mais relevante para os trabalhos observados por nós, **posição e distância do sujeito na oração** procurou-se, como o próprio nome sugere, medir a influência da posição e distância entre sujeito-verbo. Essa variável, a exemplo da saliência fônica, também tem se mostrado bastante expressiva para os estudos sobre a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP.

Assim, o sujeito é entendido como realizado quando o falante o marca foneticamente com uma expressão referencial livre ou com pronomes de 3ª pessoa (SGARBI, 2006). A posição está relacionada com a possibilidade de o sujeito ser colocado antes ou depois da forma verbal. Já para a distância entre esses dois elementos, são atribuídos maiores ou menores graus de proximidade de acordo, geralmente, com o número de sílabas entre verbo-sujeito. Vale lembrar que, nos trabalhos de Oliveira (2005), Sgarbi (2006) e Almeida (2006), a posição, distância e a realização de sujeito foram tratados como fatores/variáveis distintas. Contudo, optamos por citar a relevância desses elementos em conjunto dada a inegável interdependência entre eles e diante de uma tentativa de simplificação.

No que concerne às hipóteses clássicas para o trato da variável **posição e distância do sujeito na oração**, temos três: (i) o sujeito explicitamente marcado tende a influenciar o uso da variante não-padrão, ao passo que a não marcação fonética desse mesmo elemento tende a favorecer o uso da variante padrão; (ii) o sujeito anteposto, ou à direita do verbo, tende a favorecer a variante padrão, ao contrário do sujeito posposto, ou à esquerda do verbo, que tende a interferir de forma positiva no uso da variante não-padrão; (iii) quanto menor for o grau de distância entre verbo-sujeito, maior a tendência de os falantes usarem variante padrão, por outro lado, uma distância maior entre eles tende a favorecer a variante não-padrão. Tais conjecturas foram, de fato, confirmadas em Oliveira (2005), Sgarbi (2006) e Almeida (2006).

A variável **paralelismo formal no nível oracional** também foi indicada como relevante. Com ela, Monte (2007) procurou medir, em linhas gerais, a influência da presença e/ou ausência de marcas explícitas de plural no sujeito sobre a manutenção, ou ausência de marcas de concordância padrão no verbo. Para tanto, a hipótese inicial, levantada por ele, foi a de que a presença de marcas plurais nos elementos do sujeito tende a favorecer o uso de marcas plurais no verbo,

favorecendo, assim, o uso da variante padrão. Em sentido oposto, a ausência de marcas plurais no sujeito tendem a favorecer a ausência de marcas plurais também no verbo, nesses casos, o uso da variante não-padrão tende, portanto, a ser favorecida. Frisamos que tais hipóteses foram, de fato, confirmadas.

Fatores sociais

Dentre os fatores sociais, a **escolaridade** se mostrou relevante nos estudos de Oliveira (2005) e Monte (2007). Para a observação desse fator social, a expectativa inicial dos autores era a de que, os falantes com pouca ou nenhuma escolaridade favorecessem o uso da variante não-padrão para a variação entre verbo-sujeito na 3PP. Em sentido oposto, acreditavam que falantes com mais escolaridade estariam aliados ao uso da variante padrão.

Tais hipóteses podem ser justificadas tendo em vista que os mecanismos de CV são preocupações frequentes no âmbito escolar. Assim, a ausência de concordância padrão, ou seja, o uso da variante não-padrão “é um dos tópicos gramaticais que os professores de Língua Portuguesa, de um modo geral, mais se empenham em corrigir nos seus alunos” (MONTE, 2007, p.13). Desse modo, espera-se que quanto maior for o contato do falante com o ensino formal de língua, maiores são as probabilidades de ele não favorecer o uso da variante não padronizada. Pontuamos que, tanto em Oliveira (2005) como em Monte (2007), tais expectativas foram confirmadas.

Assim como a escolaridade, a **faixa etária** também se destacou nos estudos que observamos. De igual modo, esse fator tem sido de grande valia para a observação de fenômenos de variação linguística. Isso porque, desde que começou a ser testada, notáveis diferenças entre a linguagem de falantes jovens, adultos e idosos vêm sendo apontadas (CHAGAS, 2014).

Como exemplo de produtividade da variável faixa etária, podemos citar o clássico estudo de Labov (2008 [1972]) sobre a variação na pronúncia do /r/ retroflexo na cidade de Nova York e dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Matha’s Vineyard, no estado de Massachussets. Nele, o estudioso descobriu que os falantes das comunidades em estudo apresentavam comportamentos notavelmente diferenciados, segundo a influência de suas respectivas faixas etárias. De forma mais específica, os falantes mais jovens favoreceram o uso das formas não padronizadas/inovadoras, ao passo que falantes mais velhos atuaram no sentido de conservar a forma padronizadas/não inovadora.

Desde então, muitos dos estudos desenvolvidos em consonância com os postulados labovianos adotam a hipótese segundo a qual, falantes mais jovens tendem a favorecer o uso de formas não-padrão, enquanto que falantes mais velhos tendem a favorecer o uso da variante padrão, sempre dependendo do fenômeno em análise e da comunidade de fala, naturalmente.

Dentro dessa linha de raciocínio, os estudos sobre a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP defendem, portanto, que o uso da variante não-padrão tende a ser favorecido no comportamento dos mais jovens, enquanto que os falantes mais velhos tendem a atuar como aliados ao uso da variante padrão. Contrariando tais expectativas, o estudo de Oliveira (2005) indicou que os falantes

mais velhos de sua amostra (mais de 50 anos) favorecem o uso da variante não-padrão, na comunidade de Vitória da Conquista –BA. De igual modo, o estudo de Almeida (2006) apontou que falantes mais jovens (15-24) de sua amostra são grandes aliados do uso da variante padrão.

Além da faixa etária, papel importante também foi atribuído à variável **sexo/gênero** para a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP. Por exercerem papéis históricos e sociais diferentes, homens e mulheres, não raro, apresentam nuances em suas escolhas linguísticas. O que interessou para os trabalhos sobre o fenômeno em tela foi, portanto, apontar o *quantum* com que o sexo/gênero interfere no uso das variantes padrão e não-padrão.

No que tange à atuação da variável sexo/gênero, a hipótese clássica levantada pelos pesquisadores para a observação da concordância entre verbo-sujeito na 3PP é a de que mulheres, por tentarem conservar em seus comportamentos formas de prestígio, tendem a usar, com maior frequência, a variante padrão (LABOV, 2001). Afinal, essa é a variante que possui um valor social mais elevado no fenômeno em discussão. Em sentido oposto, acredita-se que os homens tendem a favorecer o uso da variante não-padrão. Frisamos que essa hipótese foi confirmada tanto no estudo de Sgarbi (2006) como em Monte (2007). Por último, ao testar a variável **procedência**, Sgarbi (2006) constatou, em conformidade com suas expectativas, que os falantes da zona rural não favorecem o uso da variante padrão, ao contrário dos falantes oriundo de zonas urbanas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com este trabalho, constatamos que há registros de estudos sobre o comportamento variável da CV com a 3PP em quase todas as regiões brasileiras, o que não significa dizer que eles não possam ou não devam ser intensificados, visto que para a região Norte não tomamos conhecimento de nenhum trabalho e, para a região Centro-Oeste, apenas um estudo foi localizado. Além disso, foi possível perceber que, o fenômeno em evidência é devidamente influenciado por fatores linguísticos e sociais.

A atuação de tais fatores sobre a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP assegura que o uso das variantes padrão e não-padrão, no uso real da língua, não acontece de forma aleatória, mas sim, sistematicamente. A observação cuidadosa desses fatores serve, dentre outras coisas, para tentarmos varrer a ilusão de que o uso da forma não-padrão reflete uma espécie de incapacidade por parte do falante para usar a forma padronizada.

Devemos lembrar, ainda que, embora tenhamos apresentado os resultados mais relevantes para a atuação dos fatores linguísticos e sociais em cada estudo, focando-os de modo particular, eles interagem entre si, o que exige que sejam observados também a partir das interações que estabelecem uns com os outros. Isto é possível, através da observação criteriosa dos chamados cruzamentos entre os fatores e realizados pelos autores de cada estudo. Analisar tais cruzamentos, não seria possível dentro do espaço do qual dispomos para este texto. Assim, recomendamos ao leitor mais interessado, a leitura, na íntegra, dos trabalhos de Oliveira (2005), Sgarbi (2006), Almeida (2006) e Monte (2007).

Variation In The Verbal Agreement In The Brazilian Portuguese: Variationist Views

ABSTRACT

This work aims to map which linguistic and social factors have conditioned the maintenance and/or cancel of the standard agreement marks between verb-subject in the 3rd person plural (3PP) in the Brazilian Portuguese, in different Brazilian regions. To do so, we analyze studies about the phenomenon on screen according to the sociolinguistic approach (LABOV, 2006, 2008 [1972, 2010]) realized in four of the five regions of the country, were they: Oliveira (2005), Sgarbi (2006), Almeida (2006) e Monte (2007), to the Northwest, Midwest, South and Southeast regions respectively. Based on the observation of the main results obtained to the phenomenon on screen of the cited studies, it was verified that, in all the studied communities, the variation between verb-subject in the 3PP is conditioned not only by intern factors and/or external to the linguistic system. On the first ones, the highlighted ones were the phonic protrude, the realization of the position of the subject, structural type of subject and formal parallelism in the clausal level. On the second ones, we have age, sex/gender, and education and precedence.

KEYWORDS: Variationist Sociolinguistics. Verbal Agreement. Social Variables. Linguistics Variables.

NOTAS

- 1 Ilustrações 1 e 2 foram retiradas de Oliveira (2005, p.117, **negritos no original**).
- 2 O termo variante padrão é usado para designar a forma que condiz com as regras prescritas nas GTs. Por outro lado, chamamos de variante não-padrão a forma que escapa ao modelo de língua da tradição normativa (FARACO, 2008; COELHO *et al.*, 2012).
- 3 O uso dos termos sexo ou gênero foi feito de acordo com a nomenclatura usada nos estudos originais.
- 4 O VARBRUL é um pacote de programas computacionais bastante usado pelos sociovariacionistas que descreve padrões de variação entre formas variantes e fornece cálculos, apontando a frequência de uso e o peso para cada uma delas (GUY; ZILLES, 2007). Foi introduzido por Rousseau e Sankoff em 1978 (Cf. PINTZUK, 1988). Atualmente, muitos estudiosos têm trabalhado também com o GoldVarb X, uma versão do VARBRUL para o ambiente *Windows* (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005). Em todos os estudos considerados aqui, os autores utilizaram um desses programas.
- 5 Para todos os trabalhos, comentamos apenas os resultados obtidos para a primeira rodada de análises com resultados relevantes. Essa opção metodológica foi feita diante da impossibilidade, e também por julgarmos desnecessário, comentar os resultados obtidos para todas as rodadas dos estudos selecionados.
- 6 Entre parênteses, são apresentados cada um dos fatores que compõem as variáveis em estudo.
- 7 Todas as ilustrações desta seção foram extraídas dos trabalhos originais. De igual modo, os destaques foram feitos conforme os estudos originais.
- 8 É denominado de peso relativo a indicação do efeito que cada fator selecionado exerce sobre as variantes observadas. É interpretado como favorável, para uma variável binária, isto é, com duas variantes, se o valor for superior a 0.50, como inibidor se for inferior a 0.50 e como neutro se for igual a 0.50 (SCHERRE; NARO, 2012).
- 9 Ent. – Entrevistador; Inf. – Informante.
- 10 Em Almeida (2006), não houve estratificação dos falantes segundo a escolaridade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. P. de. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS.** 2006. 159f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgletras/defesas/2005/alessandrapreusslerdealmeida.pdf>. Acesso em: 17 Jun. 2015.

ANJOS, S. E. dos. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses.** 1999, 140f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PA, 1999. Disponível em: http://issuu.com/valpb/docs/um_estudo_variacionista_da_concord. Acesso em: 16 Jan. 2015.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37 ed. 15ª reimpr. Rio de Janeiro-RJ, Lucerna, 2001.

CARDOSO, C. R.; COBUCCI, P. Concordância de número no português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; SOUSA, R. M. de; FREITAS, V. A. de L.; MACHADO, V. R. (Orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo-SP: Parábola Editora, 2014, p.71-107.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, J. L. **Introdução à linguística I: objetos teóricos.** 6 ed. São Paulo, Editora Contexto, 2014, p. 133-127.

COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012 Disponível em: http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 12 Set. 2015.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo,** 6ª ed. Rio de Janeiro-RJ, Editora Nova Fronteira, 2013.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2008.

GONÇALVES, V. de F. **Ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce – MG.** 2007, 121f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR76RM>

[CJ/disserta o ii completa sumario completa.pdf?sequence=1](#). Acesso em: 03 Abr. 2015.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Principios del cambio lingüístico**: factores sociales. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

_____. **Principles of linguistic change**: cognitive and cultural factors. Vol. III. Wiley-Blackwell. A John Wiley e Sons, Ltd, publication, 2010.

LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências Básicas do Português Mobral**. Rio de Janeiro: Fundação Ford, 1977.

MASCARELLO, L. J. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos nativos na costa da lagoa. **Work. Pap. Linguist.**, n. esp. Florianópolis-RS, p. 57-68, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v11nespp57>. Acesso em: 10 Fev. 2015.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PE e no PB**. 2009, 229f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92838/268683.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 Abr. 2016.

_____. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. 2001, 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2001. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_281742871e6dd35be2d3b9842d0380d9. Acesso em: 12 Abr. 2015.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação**: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos. 2007, 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara – SP, 2007. Disponível em:

http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/178001?locale=es_ES. Acesso em: 02 Fev. 2015.

NARO, A. J. The social and structural dimension of a syntactic change. *Language. LSA*, V. 57, n. 1, 1981. p.63-98.

_____.; SCHERRE, M. M. P. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo-SP, Editora Contexto, 2012, p. 147-177.

OLIVEIRA, M. dos S. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: variação estável ou mudança em progresso?** 2005, 190f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10981>. Acesso em: 04 Mai. 2015.

PINTZUK, S. **Programas VARBRUL**. Rio de Janeiro-RJ, UFRJ, 1988.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONT, S. A; SMITH, E. **Goldvarb X: A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em 17 Nov. 2015.

SCHERRE, M. M. P. Sobre o princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas-RJ, Pontes, 1989, p. 33-47.

_____.; NARO, A. J. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: SILVA, G.M.; TARALLO, F. (Orgs.). **Cadernos de estudos linguísticos da UNICAMP**, 1991, n.20, p.9-16.

_____. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G. (Org.). **Dialetologia, geolinguística, sociolinguística**. (Atti del XXI Congresso Internazionale de Linguistica e Filologia Romanza), Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5, 1998, p. 509-523. Disponível em: <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre-naro98.pdf>. Acesso em: 20 Nov. 2015.

SGARBI, N. M. F. de Q. **A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul**. 2006, 196f. Tese (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista,

Araraquara-SP, 2006. Disponível em:
<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103490>. Acesso em: 04 Abr. 2015.

TEIXEIRA, S. C. C.; LUCCHESI, D.; MENDES, E. dos P. Concordância verbal no português popular de Salvador: uma amostra da variação linguística na periferia da capital baiana. **Entrepalavras**. Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 1, jan/jul 2013, p. 251 – 275. Disponível em:
<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/124/177>. Acesso em: 17 Fev. 2015.

Recebido: 17 out. 2016

Aprovado: 01 nov. 2016

DOI: 10.3895/rl.v18n23.4799

Como citar: PEREIRA, M.L.S; ARAÚJO, A.A. Variação na concordância verbal no português brasileiro: olhares variacionistas. R. Letras, Curitiba, v. 18, n. 23, p. 148-164, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

